



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PRÓ REITÓRIA DE ENSINO E EDUCAÇÃO À DISTANCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - PARFOR**



SIMONE DE ARAÚJO DUTRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: Uma discussão necessária
nas series iniciais**

GUARABIRA - PB
2014

SIMONE DE ARAÚJO DUTRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: Uma discussão necessária
nas series iniciais**

Monografia apresentada à coordenação do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em atendimento as exigências para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima

GUARABIRA - PB
2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB


D978v	<p>Dutra, Simone de Araújo</p> <p>Varição linguística e ensino: uma discussão necessária nas séries iniciais. / Simone de Araújo Dutra - Guarabira: UEPB, 2014.</p> <p>33 p.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - PARFOR) – Universidade Estadual da Paraíba.</p> <p>“Orientação Profa. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima.”</p> <p>1. Varição linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Sala de aula. I. Título.</p> <p>22.ed. CDD 410</p>
-------	--

SIMONE DE ARAÚJO DUTRA

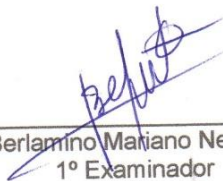
**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: Uma discussão necessária
nas series iniciais**

Monografia apresentada à coordenação do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em atendimento as exigências para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 02/08/2014



Profª. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima - UEPB/CH
Orientadora



Prof. Dr. Berlamino Mariano Neto - UEPB/CH
1º Examinador



Profª Drª Taíses Araújo - UEPB/CH
2º Examinador

Guarabira/PB
2014

Dedico a DEUS por tudo! A minha família, pelo estímulo nesta caminhada acadêmica. As minhas sobrinhas, pela força e compreensão.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Senhor, obrigada pelo fim de mais essa etapa!

A minha família, pelo amor e apoio de sempre, em especial minha Mãe, que de forma carinhosa, me deu força e coragem, meus irmãos, Risalva, Reginildo e Sergio também as minhas duas sobrinhas Mikaelly e Mariana que embora não tivessem conhecimento disto, mais iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos. Também a meu pai mesmo com distancia contribui para minha existência.

As minhas amigas, Patricia Borges, que nunca desistiu de me motiva mesmo quando as condições eram contrárias, Naiara Rocha minha confidente que suportou em amor meus estresse e sofrimento ouviu com paciência meus desabaços no decorrer do curso onde dedicou seu apoio.

A minha orientadora, Luana Lima pela paciência na orientação e incentivo com suas palavras sábias.

Aos professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

A todos que já falei, agradeço por acreditarem no meu potencial, nas minhas ideias, nos meus devaneios, principalmente quando nem eu mais acreditava.

Enfim, a todos vocês, meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a questão da variação linguística em sala de aula, bem como a postura do professor frente ao uso da língua não-padrão apresentada pelo os alunos da Escola Municipal “Geraldo Leite de Moraes”, no município de Cuitegi-PB. A sociolinguística é uma das vertentes da linguística que se propõe ao estudo da língua em uso nas comunidades de fala, correlacionando a investigação aos aspectos linguísticos e sociais. Como arcabouço teórico, utilizamos a Sociolinguística Variacionista (BORTON-RICARDO, 2004, 2005) e a questão da Variação e Preconceito Linguístico (BAGNO, 2007). Para tal, fizemos uso da pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, onde registramos a entrevista com questionários feita com os professores da referida escola. Conclui-se, então, que o ensino da variação não esta presente na escola.

PALAVRAS - CHAVE: Variação Linguística. Preconceito Linguística. Sala de

ABSTRACT

This study aims to analyze the issue of language variation in the classroom as well as the as attitude of the teacher towards the use of non-standard language presented by students of the Municipal school “Geraldo Leite de Moraes” in the municipality of Cuitegi-PB. The sociolinguistics is one of the aspects of linguistics which proposes the study of budo in use in speech communities, research correlating the Sociolinguistics Variationist (BORTON-RICARDO, 2004, 2005) and the issue of Linguistic Change and Prejudice (BAGNO, 2007). To this end, we used the qualitative research literature nature, where we recorded the interview with questionnaires taken with the teachers of that school. It is concluded that the teaching of the variation is not present in school.

KEY WORDS: Linguistic Variation. Linguistic Prejudice. Classroom.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. Variação linguística na sala de aula.....	11
2.1 Variação x preconceito: fato ou mito?.....	15
3. METODOLOGIA.....	19
3.1 Sujeito	19
3.2 Instrumento.....	21
3.3 Procedimento.....	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31
Anexo.....	32
Anexo A.....	33

1 INTRODUÇÃO

Há anos, pesquisadores da área de linguagem vêm desenvolvendo pesquisas científicas com o objetivo de identificar, descrever e analisar fenômenos de variação linguística, pois a língua portuguesa utilizada no Brasil não é uniforme, pelo contrário, é constituída de muitas variedades.

Partindo do pressuposto de que é possível estudar e descrever a variação, e que a variação está intensamente relacionada a fatores estruturais e sociais, buscar-se-á estudar sob a nova perspectiva de ensino, e da pedagogia da variação linguística, contraposta com a educação de língua portuguesa tradicional, o ensino de gramática e norma-padrão.

É necessário ressaltar, também, a importância de variedades linguística e pensá-la como uma oportunidade de formação para alunos que atuam na mesma sociedade que os professores, no entanto é necessário pensar ainda que são indivíduos que já atuam nesta sociedade, e que já trazem uma leitura do mundo que nem sempre condiz ao conhecimento proposto pelo professor, mas que precisa ser o ponto de partida para a produção do conhecimento.

Por este motivo, este trabalho é uma importante contribuição, pois será mais uma ferramenta a ser utilizada por professores e pesquisadores da variação linguística, em especial do ensino das séries iniciais. Para alcançar os objetivos deste trabalho, se partirá da análise do ensino da língua e, sobretudo, as variantes dos alunos da escola Geraldo Leite de Moraes, alvo desta pesquisa.

Diante do exposto, esse trabalho monográfico tem como objetivo geral discutir sobre o ensino da variação linguística nas séries iniciais. Os objetivos específicos para alcançar o foco do trabalho são: analisar a postura do professor diante o ensino da variação linguística e identificar a metodologia utilizada pelo professor em sala de aula.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, alguns autores foram de suma importância para fundamentar as discussões aqui propostas. Os principais autores que embasaram esta pesquisa foram: Marcos Bagno (2002); Inês Signorini (2002), Bortoni-Ricardon (2005); Irlandé Antunes (2007). Por serem eles os principais pesquisadores sobre a variação Linguística. Com a realização deste trabalho foi possível o entendimento das dificuldades dos professores em sala de aula, para trabalhar este assunto.

No momento seguinte, abordamos procedimento metodológico a partir da caracterização da escola com o intuito de vivenciar a realidade da mesma, posteriormente fazer uma entrevista com os professores e responsável pela escola.

Em seguida, apresentamos resultados e discussão através dos dados por meio da pesquisa.

E, por fim, trazemos as considerações finais e referências que contribuíram de certa forma com a construção deste trabalho.

2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA

Ao analisar a história da educação, é possível perceber que a aprendizagem por meio da variação linguística é de suma importância nas atividades escolares, para o processo de formação da criança, já que o ensino de língua portuguesa passou por diversas transformações para que fossem consideradas em sala não só a gramática normativa, mas também, questões referentes à interação, ou seja, que estão na vivência dos alunos, que fazem parte de seu repertório e que são vistas como algo a ser usado na sociedade e não apenas para aprender a língua escrita.

Diante disso, a escola não pode se recusar, como fez por muito tempo, a reconhecer essa realidade tangível que a língua possui. Essa espécie de conhecimento, de acordo com Bagno, Gagné e Stubbs (2002, p.17), é fruto de fatores como o surgimento e desenvolvimento da teoria da variação- “cuja investigação puseram a nu a absoluta falta de fundamentação empírica e teórica para o prosseguimento de uma pedagogia linguística centrada na velha noção de erro”.

Assim, creio na importância de se aprender a heterogeneidade linguística na escola e que os professores tenham a responsabilidade de transmitir estes conhecimentos. É certo que o ensino da norma culta encontra muitos defensores porque defendem o ensino da gramática normativa, pois ajuda os discentes a escrever melhor, com mais precisão, e assim por diante.

No entanto, o ensino escolar torna-se aberto às múltiplas variedades linguísticas (sociais, regionais, profissionais e etárias) que qualquer língua viva possui com o objetivo de substituir um uso por outro. Segundo Bagno (2007, p.72) independente dos seres humanos que falam, escutam, lêem e interagem por meio dela.

Portanto, as salas de aula devem reconhecer e avaliar as características de seus alunos através da variedade linguística dos mesmos e que não fique presa, apenas, a norma padrão. Antes de tudo é preciso verificar as condições sociais deles e, a partir deste momento, trabalhar a norma padrão, sem excluir sua língua materna, evitando, assim, que aluno se sinta inferior ou constrangido por não dominar tal variedade. Bagno (*op. cit.*) enfatiza que:

[...] nossa escola não reconhece a existência de uma multiplicidade de variedade de português e tenta impor a norma padrão sem procurar saber em que medida ela é na prática uma “língua estrangeira” para muitos alunos, se não para todos (BAGNO, 2006, p.29).

Compreende-se, desta forma, que a escola deve refletir sobre as variações, pois a mesma tem um papel fundamental na formação moral do indivíduo, uma vez que a própria escola deve aportar que há alternativas melhores e mostrar que é possível e necessário cogitar, nas séries iniciais, sobre as diversidades de linguagem, como afirma Bortoni-Ricardo (2005, p.15).

A escola não pode ignorar as diferenças sócio linguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer mesma coisa.

De acordo com a autora, o estudo da língua materna na escola aponta para uma reflexão sobre o uso da linguagem na vida e na sociedade. Os alunos devem compreender que esta discussão é necessária e que a escola não deve impor a língua padrão como correta, mas mostrar que existem vários contextos onde se utilizam as variações linguísticas na escola, enfatizando a importância dos falantes saberem como adequar a língua às diversas situações existentes.

Sobre tais inquietações, Bortoni-Ricardo (2005, p.192) explicita:

Focalizamos a reação dos professores ao uso da linguagem não-padrão pelo alunos porque esses são episódios cruciais na dinâmica de sala de aula. [...] como proceder nesses momentos é uma dúvida sempre presente entre os professores. Nas últimas década, os educadores brasileiros, com destaque especial para os linguísticas [...] fizeram um trabalho importante, mostrando que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo.

Segundo o pensamento da autora, diante realidade citada, se faz necessário que a escola esteja atenta às peculiaridades sócio-culturais dos alunos, bem como segura no tocante trabalho pedagógico referente às variações linguísticas. Pois há professores despreparados diante do funcionamento da língua, e é preciso respeitar os falares dos alunos, além de saber intervir no momento oportuno. Além disso, é importante lembrar que os benefícios dessas linguagens nas salas de aula, promovem uma maior interação entre os discentes.

Como afirma Bagno (2009, p. 158):

[...] as concepções de ensino e as práticas pedagógicas devem acompanhar as transformações da sociedade. A sociedade brasileira dos dias de hoje apresenta características estruturais muito diferentes das relações sociais que predominavam no nosso país no início do século xx. O simples aumento da população tem provocado grandes alterações nessas características sociais [...].

É certo que, a criança ao ingressar na vida escolar, apresenta uma linguagem característica do ambiente social em que a mesma convive com seus familiares. No entanto, a escola deve ter consciência de que esta linguagem precisa ser aperfeiçoada, mas de maneira sutil para que o aluno use de maneira mais adequada, de acordo com a interação comunicativa a qual nos propõe, sabendo que não existe uma única maneira correta de falar.

Então, é necessário um novo olhar, uma postura reflexiva sobre que tipo de conhecimento que aulas estão proporcionadas aos educados, que tipo de desafios está lhes propondo e onde se espera chegar, e que tipo de indivíduo irá ser transformado.

A escola é o lugar onde existe espaço para discutir sobre a existência das variedades e a imposição da norma considerada padrão; transformando os momentos nas aulas de língua portuguesa em uma verdadeira investigação sobre a língua, buscando enxergar o que existe em oculto, desfrutando de novos conhecimentos, mas sabendo que, mesmo em sua variedade obterá o mesmo respeito do que se estivesse falando de modo mais culto.

É essencial que o docente tenha o compromisso, antes de qualquer coisa, consigo mesmo e saiba o que ele realmente pode transformar o campo da educação, e a sua prática na sala de aula e, conseqüentemente, a vida dos seus alunos, pois a reeducação linguística inicia-se através do professor, e é nesse processo que o educador deve buscar novos conhecimentos e capacitar-se cada vez mais, para que saiba tratar da variação linguística de modo adequado, que proporcionem um ambiente rico em aprendizagem significativa aos seus alunos.

A exemplo disso, Bagno (2007) aponta que:

A reeducação sociolinguística é uma proposta de pedagogia da variação linguística que leva em conta as conquistas das ciências da linguagem, mas, também, as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida. Não é possível desprezar, em nome da ciência “pura”, as necessidades e os desejos (legítimos) dos falantes da língua. Mas também não é possível, em nome dessas necessidades e desejos, deixar as coisas como estão, dominadas por ideologia linguística autoritária e excludente (BAGNO, 2007, p.86).

É importante que o professor acolha os seus alunos e que realmente cumpra com seu papel de ensinar, e ao chegar na escola o indivíduo sinta-se valorizado, e não discriminado pela forma como fala, daí trabalhar a necessidade de expor as diversas maneiras que as variações linguísticas representam na sociedade. Onde a contextualização e a reflexão estejam de antemão no planejamento de ensino, buscando, com isso, capacitar e proporcionar aulas dinâmicas e reflexivas.

Como destaca Bortoni-Ricardo (2004):

[...] É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas [...] (BORTONI-RICARDO, 2004, p.74).

É função da escola levar os alunos, fazendo-os ter consciência dos diferentes contextos, proporcionando as variadas formas que são usadas pelos falantes da linguagem popular. E, assim, fica mais confortável fazer uma inovação e propondo uma nova prática com a língua em sala de aula, proporcionando aos alunos, recursos acessíveis para se comunicar entre as pessoas, para que o mesmo saiba desempenhar diversas situações. Então, precisamos prepará-los para sobreviver na sociedade, pois todas as variantes são válidas e não existe uma melhor do que a outra.

2.1 Variação x preconceito: fato ou mito?

Vivemos em mundo globalizado, aonde tudo, de certa forma, vem sendo reformulado e avançando em direção ao mundo tecnológico.

Mas, porque será que temos que continuar aceitando que somente a norma padrão é “certa”, quando, muitas vezes ela, assim como sofreu mudanças do latim para o português vem sofrendo novas mudanças a sociedade muda constantemente, e por que ainda existe tanto preconceito com as variações?

A língua é como um rio que se renova, ou seja, ela não é única e acabada, mas, está em constante mudança, em nosso cotidiano percebemos variações que surgem a cada instante, e que contrapõe à gramática Bagno (2002), tratando deste assunto afirma que:

[...] o uso que não está consagrado nessa “norma culta” (o uso que não está abonado nas gramáticas normativas e nos dicionários simplesmente “não existe” ou não e português “(BAGNO, 2002, p.20).

No entanto, percebemos que a gramática resiste a essas variações, mesmo sabendo que elas já ocupam um espaço considerável em nossa sociedade. O Brasil possui uma variedade linguística muito ampla, devido às características de cada região, as diferenças sociais etc e, por isso, nem todos têm acesso à cultura que é destinada à “elite”, embora a escola trabalhe a linguagem formal dentro da sala de aula, ela não tem uma didática apropriada, pois, não, se leva em consideração a realidade social do grupo, aplicando a norma padrão como a única, verdade absoluta, como se os alunos não soubessem nada em relação a língua, desprestigiando-os e desprezando-os.

A este respeito, Bagno (2007) advoga que:

[...] a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc [...] (BAGNO, 2007, p.270).

Cabe mencionar que existe a questão do preconceito lingüístico, a qual não se restringe no processo educativo, a vida social, econômica e emocional das pessoas, porque carregam maior estigma negativo. Percebe-se, portanto, que o

preconceito linguístico contribui com o maior problema educacional, que é a “aprendizagem”, na medida em leva os discentes e docentes a pensar a respeito do estudo de língua portuguesa como algo que não faz parte de sua realidade. Este equívoco é comprovado quando o professor procura, de forma preconceituosa, eliminar do contexto escolar e do falar do aluno, por não ser variantes que correspondem ao padrão estabelecido na gramática normativa, alegando que tais variação não existem na língua portuguesa.

Da mesma forma com que não se pode definir a cultura inferior e superior, as formas de falar também não podem ser comparadas. Infelizmente não há uma consciência sobre o fato e acaba ocorrendo o preconceito linguístico, onde basta ver uma pessoa falando diferente da outra pessoa, e já começa a criticar ou rir o modo que a outra fala.

Os Brasileiros falam português certo, porém, as variedades entre os grupos que existem e compõe a sociedade é muito grande, mas a língua vai se adaptando a realidade e necessidade da população.

Signarini (2002) afirma que:

A língua se relaciona com a sociedade por que. É a expressão as necessidades humanos de se congregar socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja, do indivíduo; é acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse a sua boca. (SIGANARINI, 2002,p.76-77).

Existe uma grade polêmica em relação á língua, pois tal língua é dividida em: língua escrita e a língua falada, e segundo Bagno (2002) a divisão pode ser reconhecida também como: escrita=português (encontrada em jornais, livros. etc) e fala=vernáculo Brasileiro (encontrada na boca do povo). Sendo assim, fica evidente que, a língua falada por ser encontrada na ‘boca do povo’ recebe uma porção gigantesca de preconceito, desprezo e discriminação; e a língua escrita, por sua vez, é supervalorizada, construindo então o mito que nós temos que ler e falar do modo como escrevemos, sendo esse considerado o ‘certo’.

Outro mito enraizado na língua é que seja necessário saber a gramática para saber escrever e falar bem. É interessante observar que a linguagem formal já existe independentemente da gramática, pois a mesma funciona como mecanismo de

sistematização da língua. Em outras palavras, o aluno deve ser instruído e orientado pela escola a reconhecer e saber sobre as regras de gramáticas e executá-las nos momentos necessários. Mas, não deve ser obrigado a isto, nem muito menos ser castigado ou ridicularizado quando não fizer uso da mesma, em determinada situação, pois deve-se ter em mente os contextos de comunicação.

Segundo, Antunes (2007, p.104) afirma que:

A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinados, existem porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidos, e como tais, são condicionados por esses fatores.

Assim, se espera que o aluno seja capaz de verificar as variação da língua e reconhecer os valores sociais e culturais, ou seja, espera-se que os mesmos não somente conheçam as variedades da linguagem materna, mas também que combatam o preconceito que existem contra as formas populares.

A língua, na verdade, tem como objetivo estabelecer a comunicação, embora existam diversas maneiras para se comunicar. Pois não é algo inflexível, onde se aceita apenas uma possibilidade, mas ao contrário, ela é flexível, adaptando-se a cada sociedade, de modo diferenciado, a questão é aceitar respeitar o diferente.

É preciso que o docente se conscientize a respeito da importância de trabalhar a variações linguísticas e o preconceito linguístico transmitindo este conhecimento para os alunos, pois é preciso que a escola atue neste sentido de evitar a discriminação e que permita a exposição dos mesmos à variedade sem estimular a reprodução de preconceitos.

Conforme, Bagno (2009, p. 24):

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é invisível, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele [...] pouquíssimas pessoa reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade como um serio problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo.

É evidente, a partir da perspectiva do autor, a necessidade de esclarecimento aos alunos acerca da diversidade linguística e do preconceito em que circulam as

práticas de interação linguística, tornando-se necessário, segundo o mesmo, um movimento de combate ao preconceito linguístico em prol da educação de língua materna como mais democrática e coerente com a sociedade que a articula.

O português brasileiro é dinâmico por estar sujeito a um leque de variações no espaço escolar e social. Portanto, não é adequado ensinar uma língua de maneira reduzida, como se houvesse uma única e insubstituível norma a ser seguida.

É importante destacar que a língua escrita atua, portanto, como um fator de unificação linguística, uma vez que as modificações gramaticais e ortográficas são bem mais lentas do que as transformações apresentadas pelos atos de fala. Pode-se afirmar, então, que uma das funções da escrita é manter a unidade linguística das sociedades letradas, por oposição à diversidade observada em termos de fala.

A Sociolinguística sugere que o uso de uma variante está associado a fatores socioeconômicos, regionais, faixas etárias, entre outros, em virtude do português brasileiro não possuir uma feição única e ser uma entidade possuidora de um repertório imenso de variedades dialetais. Por exemplo, se um falante pronuncia “pranta” ao invés de “planta”, “framengo” em lugar de “flamengo”, é caracterizado como pertencente a uma sociedade desprestigiada, marginalizada e que não tem acesso à educação da escola. Em consequência disso, sua linguagem é tida como feia, quando, na verdade, é só uma forma diferente de falar, a qual se difere da que é ensinada na escola. Assim, o preconceito linguístico é decorrente de um preconceito social.

3 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, foi necessária a realização de uma pesquisa qualitativa, na qual a metodologia utilizada foi de fundamental importância, uma vez que, a entrevista com professores e responsáveis pela escola se deu através da utilização e aplicação de questionários, com questões abertas, relacionadas a incidência da variação linguística, e as metodologias utilizadas em sala de aula, afim de se entender as vertentes que embasaram esse trabalho no decorrer da pesquisa.

3.1 Sujeitos

Os sujeitos desta pesquisa são os professores da Escola Municipal Geraldo Leite de Moraes, localizada no conjunto Rui Carneiro no Sítio Malhada Município de Cuitegí-PB.

A escola é considerada de pequeno porte, com 02 salas de aula funcionando nos dois turnos manhã e tarde, atendendo desde o Pré I-II ao fundamental I. No turno da manhã, funcionam as turmas de Educação infantil e do 1º ao 3º ano, e no turno da tarde funciona as turmas 4ª a 5º ano, totalizando aproximadamente 65 alunos.

Os espaços disponibilizados a comunidade escolar é 01 sala de Direção ampla para atender assim as exigências da escola e para atendimento de pais e alunos, na qual trabalha a Gestora, que funciona nós dois turnos. A escola conta com 01 biblioteca com um bom acervo de livros e revistas educativas, 01 brinquedoteca, 01 salão para reuniões e eventos, 02 salas de aulas amplas e arejadas, 02 banheiros bem estruturados, 01 cozinha para preparação da alimentação dos alunos.

Segundo informações obtidas na escola, a mesma conta com o apoio de alguns programas do Governo Federal que são: Mais Educação, Atleta na escola, PDE-Interativo, PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), PAR (Plano de Ações Articuladas), PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores), PNLD (Plano Nacional do Livro Didático), PSE (Programa Saúde na Escola). Esses programas, de

acordo com os dados repassados são de fundamental importância para que a escola possa adquirir autonomia e criar mecanismo como: projetos didáticos, eventos educativos, entre outras ações que surgem com objetivo de uma educação de qualidade para todos, que desfruta desse espaço escolar.

A organização do corpo docente da Escola Municipal Geraldo Leite de Moraes, são em 04 professores que lecionam na mesma, nos quais os mesmos têm uma boa formação, com superior completo, inclusive, sendo que 01 destes professores tem especialização, os professores passam por uma capacitação contínua, para assim possibilitar um ensino de excelência para todos os alunos da escola.

Esta pesquisa teve a participação da gestora da escola, onde além de permitir a minha inserção na escola enquanto pesquisadora para entrevistar alguns docentes da escola, também forneceu informações acerca da própria escola, mostrando-se uma gestora bem participativa e atuante e que estabelece um processo de gestão democrática, sendo uma profissional articuladora, coordenadora e responsável por todas as atividades desenvolvidas no processo educacional, a mesma participa da elaboração e a execução do projeto político pedagógico; a administração de pessoal e dos recursos materiais e financeiros; estabelece aos funcionários cumprimento dos dias letivos e horas de aula estabelecidas, fazendo com que a legalidade, a regularidade e a autenticidade da vida escolar dos alunos sejam plenamente realizadas.

A diretora, em relação a defasagem dos alunos, procura aprimorar conteúdos curriculares para melhorar o aprendizado dos alunos. Supervisiona, de forma ativa, a participação dos alunos em atividades esportivas, sociais, culturais e religiosas. Com relação a sua atuação, a mesma desenvolve reuniões com os pais e responsáveis, as quais acontecem bimestralmente, com o objetivo de colocar os pais a par dos problemas e avanços alcançados pela escola como: a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução do projeto político pedagógico, eventos, excursões, atividades extraclasse e programas e projetos existente na escola.

Contamos, ainda, com a participação de quatro professores que ensinam nas seguintes turmas: o ensino infantil - Pré- I e II¹, que compõem 19 alunos. A

¹Vale salientar que tais turmas funcionam em regime multiseriado, onde a mesma turma abrigará alunos do Pré I e a outra parte ao Pré II, ao mesmo tempo.

educação básica², na modalidade de ensino fundamental I - 2ºano e 3ºano, com 20 alunos. O 4ºano funcionará com 12 alunos e o 5ºano com 13. Nesta escola, é atendido um total de 65 alunos, distribuídos nas séries, com a faixa etária de 04 a 15 anos, onde varia de sexo (masculino e feminino) e onde a maioria é pertencente a famílias consideradas de baixa renda e todos moram na comunidade rural, próximo a instituição escolar.

Neste sentido, é importante enfatizar que ambos professores e diretora responderam um questionário, o qual se faz instrumento desta pesquisa e a respeito do qual iremos discutir a seguir.

3.2 Instrumentos

Neste sentido, para o estudo ser concretizado, realizou-se um trabalho embasado em levantamentos bibliográficos, no estudo das teorias, e em autores que desenvolveram pesquisas nesta área para que possa fazer um elo entre a teoria e a prática, a fim de embasar teoricamente a pesquisa. Segundo Goldenberg (2009), a teoria “é um conjunto de princípios e definições que servem para dar organização lógica a aspectos selecionados da própria realidade empírica.

A partir das entrevistas e aplicação de questionários, feitas com a gestora e professores da escola, foi possível obter informações que vão ao encontro das experiências empíricas, nas quais este momento de interação direta com área de estudo.

O questionário apresenta a autora do trabalho, bem como vem a esclarecer, de forma breve, o objetivo do desenvolvimento do mesmo. O referido questionário contém 5 perguntas, onde os professores ficaram livres para expor seus conhecimentos e pontos de vista acerca da variação linguística nas séries iniciais.

²Este segmento, também, funcionará na modalidade multiseriada.

3.3 Procedimentos

Para a realização desse estudo, foi feita, inicialmente, uma visita a escola, de forma a defender o objetivo da pesquisa não só na gestão escolar e também com os professores da mesma. Foram feitas visitas sistemáticas a escola, em busca de uma maior familiaridade com ambiente escolar. Houve um diálogo com a gestora, que me deu autorização para realização da referida pesquisa na escola e para aplicação de entrevista com a mesma e com os professores. A diretora apresentou-me aos docentes como “aluna do curso de pedagogia que estava fazendo uma pesquisa sobre questões de linguagem” e, posteriormente, comecei a conversar individualmente com os mesmos, a fim de esclarecer que eu buscava investigar as questões linguísticas.

A partir do primeiro contato com a escola, foi feita uma pesquisa documental, onde se buscou informações sobre o dinamismo que envolve a área de estudo, com a finalidade de melhor entender as ramificações que envolvem a escola que foi feita a pesquisa. Essa modalidade de pesquisa possibilitou a análise de documentos que propuseram a riqueza de dados obtidas através do contato direto com a escola Municipal Geraldo Leite de Moraes, como: Projetos Didáticos, Projeto Político Pedagógico, Regimento Interno, entre outras documentações de uso interno do estabelecimento de ensino.

A referida pesquisa aconteceu nas séries iniciais, onde foi feita uma observação da postura dos professores³ e se tomou notas das questões linguísticas diante dos alunos.

Para evidenciar de fato, o que acontece em cada sala de aula, se fez necessária a realização de entrevistas com os professores que lecionam na escola e a gestora da mesma.

Foi feita entrevista individual com os educadores, para que haja um melhor entendimento de cada realidade, as importâncias dos relatos de experiências de vida escolar dos professores também foram de grande ajuda para responder algumas questões levantadas nessa pesquisa, sobretudo, qual o papel da linguagem na formação do aluno perante toda a sociedade.

³Vale salientar que esta observação se deu durante a entrevista, onde foi possível analisar a postura de cada professor, tendo em vista seu conhecimento em relação à temática abordada.

Portanto, diante das questões levantadas foi possível ver se os docentes têm conhecimento da linguagem não-padrão, e, de certa maneira, um melhor entendimento da língua do docente, pois esta demonstra o grau de entendimento sobre estas variedades. A partir desse material coletado, buscou-se analisar possíveis fatores que interferem nesta variação linguística.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise dos questionários aplicados aos professores e a gestora, foi possível analisar a postura do professor na questão da competência comunicativa, ou seja, monitoramento linguístico.

Ao iniciar a análise dos dados, pode-se constatar os comportamentos antagônicos, ou seja, o professor na entrevista dirigida aos mesmo, quando questionado diretamente em relação a determinada questão, dava uma resposta, no transcorrer da entrevista, caía em contradição.

Além disso, a análise inicial deixa entrever uma contradição no discurso dos professores, os quais afirmam corrigir a pronúncia dos alunos. A análise do questionário durante a entrevista permitiu constatar que a correção direciona-se as formas desviantes do padrão do português, sendo totalmente ignorada a questão da conscientização desses alunos a respeito do que venha a ser a variação e o porquê este processo ocorre. Não se está afirmando a incompetência dos professores, na verdade essa contradição é fruto da própria complexidade da situação e, talvez, da ausência deste conhecimento que não lhe foi repassado durante o período de sua formação.

Segundo as informações disponibilizadas pelo os professores mencionados sobre as questões aplicadas aos mesmos, o resultado previsto sob variação linguística mostra a inadequação ou até mesmo a desvalorização ao tema por parte dos docentes nas aulas de língua portuguesa da escola avaliada.

Analisando as professoras, em uma das quais assistimos regularmente durante esta pesquisa, percebemos que as atitudes dessas professoras em relação às crianças expressam impaciência, intolerância e onde fica mais visível é na maneira de corrigir as crianças, demonstrando que elas não sabem falar, não tem educação doméstica, para assim justificar o rigor de suas exigências.

Tal comprovação vem confirmar com as expectativas dessa pesquisa de identificar a permanência da problemática do preconceito linguístico em frente a situação da variação dialetal naturalmente existente na sociedade brasileira e, portanto da necessidade de se trabalhar em sala de aula essa questão de forma adequada.

Apresentamos a seguir no quadro os dados com formação dos professores e gestora entrevistados “G” indicam “gestora da escola” e os demais os professores da escola.

Quadro 1 - perfil dos professores

	Idade	Graduação	Especialização	Mestrado
G-1	27	Magistério e Geografia	Ciências Ambientais	-
P-1	33	Pedagogia	-	-
P-2	39	Pedagogia	Piscopedagogia	-
P-3	52	Pedagogia (Incompleto)	-	-
P-4	45	Pedagogia	-	-

Fonte: pesquisa campo, 2014.

Como podemos observar no quadro acima, a maioria dos docentes possui formação superior e alguns com especialização. Desta forma, a tabela demonstra que todos estão devidamente habilitados, uma vez que todos concluíram a graduação necessária para atuar em sala de aula.

Para efeito de análise de estudo, destacaremos, a partir de agora, parte da fala da gestora e professores entrevistados⁴.

Através da análise do questionário preenchido pela gestora, pode-se perceber que a mesma tem o conhecimento em relação à variação linguística, pois mediante suas explicações dadas através do questionário, a mesma afirma que é importante trabalhar este conhecimento, e que o professor é responsável por transmiti-lo ao aluno.

A mesma relata que: “É necessário que o professor torne-se aberto as múltiplas variedades linguísticas (sociais, regionais, profissionais), que qualquer língua viva possui. O professor não deve substituir uma forma de linguagem por outra, e sim familiarizar o aluno a essa diversidade”.

Desta forma, podemos observar que de acordo com a gestora, deve-se orientar os professores a incluir estas questões em suas aulas, ou seja, não basta

⁴Faz-se necessário deixar claro que, por questões de tempo, não serão apresentadas todas as respostas de todos os participantes da pesquisa, sendo estas escolhidas aleatoriamente pela a autora do presente trabalho.

ao professor ter este conhecimento, apenas, mas o mesmo deve saber como ensinar estas questões linguísticas aos seus alunos. Assim, a gestora afirma ter conhecimento linguístico, e tenta realizar esta prática na escola, incentivando seus professores a refletirem sobre essas ideias e a colocarem tais ideias em prática.

Em relação às respostas da gestora, fica evidente que a variação linguística está presente em sua prática pedagógica, onde a mesma demonstra interesse em não agredir a cultura do aluno.

Analisando a fala de P1⁵, foi possível constatar que ela fica um pouco confusa no decorrer das perguntas e que ainda não consegue entender a diversidade linguística que há em nossa sociedade.

Analisando sua resposta da primeira questão⁶, pode-se cogitar que, possivelmente, a apropriação da norma culta faça parte de seus objetivos pedagógicos, visto que, na entrevista, a mesma não concebia de modo claro o que entendia por variação linguística.

Ao responder tal pergunta, P1 respondeu: “é as variações linguísticas, ou seja, as diversas formas de nos comunicarmos.” Pelo que foi percebido na resposta, deu a entender que a mesma não foi um tanto convincente e, talvez, mostre o devido interesse a respeito do referido assunto, pois trata a variação linguística como meio de comunicação.

Pode-se perceber, ainda, que a professora não demonstrou ter a clareza no que se refere à diversidade das formas da língua, dando a entender que esta perspectiva de ensino não é considerada em sua sala de aula.

Em relação à aplicação do questionário com professora P2, a mesma apresentou ter um domínio do que estava fazendo, uma postura de segurança e interação com o assunto, apresentando a importância da variação linguística em sua sala de aula, onde esboçou a seguinte ideia sobre o preconceito linguístico: “É quando há uma rejeição na forma em que as pessoas expressam o seu modo de falar. Constrangem e humilham os alunos que não falam a linguagem correta”.

De acordo com a fala de P2, a respeito da questão 4, não se deve tratar a forma como o aluno fala com desprezo ou gerar qualquer tipo de preconceito linguístico, a partir disso. Parece-nos, portanto, que a mesma mantém um bom

⁵ Por questão de ética, não revelaremos a identidade do professor, nos referindo aos mesmos como P (P1, P2, por exemplo).

⁶Vale salientar que o questionário encontra-se no anexo deste trabalho, onde será possível consultar as perguntas feitas aos participantes.

ambiente educacional com os mesmos, no que concerne as variedades linguísticas que os mesmos apresentam.

Para ela, linguagem não-padrão é vista como algo positivo, pois praticamente todos os falantes, apesar de serem apresentados, durante suas vidas escolares, à uma norma culta, usam a forma não-padrão em seu cotidiano. Na resposta da pergunta 5, P2 afirma que: “É uma linguagem que não requer rigor não existem certo ou errado, mas que é preciso adaptar a fala de acordo com a situação de uso, a realidade do ambiente. É a que usamos no dia-a-dia com as pessoas do nosso convívio, tornando-se uma comunicação mais compreensiva entre os grupos. O uso de gírias e palavras estão sendo muito usados no cotidiano das pessoas, em conversas, fato este que deve ser trabalhado em sala de aula”.

Na verdade, pode-se constatar que essa professora está mais atenta às questões da linguagem não-padrão, se afastando, portanto, da realidade do ensino da variação linguística e permanecendo, ao que nos parece, com o ensino tradicional da língua portuguesa.

Já em relação às respostas de P3, a mesma mostrou que não tem conhecimento e que, ainda, está apegada ao livro didático, pois percebi que a mesma não esboça o menor conhecimento a respeito da temática abordada no questionário. Se observarmos melhor, na pergunta 1, por exemplo, sua resposta foi: “Já ouvi falar, mas não tenho conhecimento sobre esse assunto”. A diante, quando questionada a respeito do papel do professor, diante da diversidade linguística do aluno, a mesma respondeu: “Não tenho como responder, pois não administro esse assunto em meu conteúdo”. Daí, podemos observar que a mesma não dá a devida importância ao assunto, uma vez que, em suas aulas, a mesma deixa transparecer em suas aulas, o ensino da gramática continua sendo priorizado no ensino de língua portuguesa.

Na entrevista com professor P-4, foi possível verificar que o mesmo possui conhecimento sociolinguístico, pois de acordo com o que respondeu, ele afirma que: “[...] a língua portuguesa é língua viva e que pode sofrer modificações a qualquer momento”.

O referido professor aparenta conduzir suas aulas como algo pertencente a sua própria realidade, pois o mesmo identifica as variações em seu meio de convívio, nutrindo o interesse que seu aluno aprenda mais e tenha consciência do que vem a ser uma linguagem padrão e não-padrão, bem como certo entendimento

do que é preconceito linguístico. Dessa forma, a resposta de P4 nos leva a crer que o mesmo tem a responsabilidade e o cuidado em sua sala de aula, no sentido de trabalhar com os educandos os variados contextos linguístico permeados pela língua e que são de primordial importância para a boa formação do aluno.

Isso fica claro em sua resposta a questão 5 a qual questiona sua ideia geral sobre a linguagem informal, o mesmo afirma que: “É uma linguagem que tem ser trabalhada juntamente com a padrão, para que assim o aluno saiba identificar e assim fazer o uso nas situações coerentes”.

No geral, de acordo com os professores entrevistados, tivemos a impressão de que a gestora, P2 e P4 têm domínio sobre o assunto, diferentemente de P1 e P3, os quais afirmaram explicitamente não ter conhecimento do tema em discussão.

Por fim, percebemos que o docente, de certa forma, considera todas as formas de comunicação, ou melhor, toda a questão da heterogeneidade dialetal. Na verdade, este é apenas um passo de uma extensa jornada, mas que vale a pena trilhar, sobretudo porque contempla a realidade da língua e pode ser inclusive, um caminho para amenizar o preconceito linguístico e promover uma das tantas maneiras de inserção social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos a possibilidade de reconhecer a importância sobre o assunto da variação linguística em sala de aula, além de apresentar os fatores, a mitologia e preconceito que envolve este tema, considerado importante para enriquecer o conhecimento dos alunos.

Através da análise desta pesquisa, foi possível constatar a falta de conhecimento dos professores em relação ao ensino da variação linguística, pois os mesmos ainda possuem uma afinidade intensa com o ensino tradicional, privilegiando o ensino da gramática.

Como se pode perceber na leitura desse trabalho, nas entrevistas que foram realizadas com os professores da Escola Municipal “Geraldo Leite de Moraes”, muitas vezes suas falas não condizem com a teoria ao qual o tema está relacionado.

Esperamos ter contribuído, portanto, para uma reflexão sobre o papel do professor em sala de aula, que precisa ser equilibrado e desprovido de preconceito linguístico para melhor tratar com a variante popular. Pois, é a partir dessa variante que o aluno de escola pública terá acesso a outra variante, a chamada norma culta.

Deste modo, é preciso que esse ensino de língua portuguesa seja inovador para, assim, acompanhar a sociedade em seus avanços, fazendo do conhecimento desenvolvido em sala de aula uma ferramenta indispensável na construção dos alunos críticos e pensantes, que buscam sempre aprimorar seus conhecimentos dando uma parcela de contribuição perante a sociedade atual.

Este trabalho foi de suma importância para minha formação acadêmica, pois permitiu fazer um aprofundamento maior sobre a temática, além de uma reflexão sobre o tratamento da variação linguística na sala de aula.

Espera-se, assim, contribuir para que os docentes possam ampliar as perspectivas de trabalho, no que diz respeito ao ensino de língua portuguesa, buscando sempre pautar-se sobre a língua materna dos alunos e, a partir dessas duas modalidades, promover uma verdadeira educação linguística longe de preconceitos.

Por fim, pretende-se com este estudo contribuir com uma nova proposta de atividade e abordagem da variação linguística em sala de aula. A sua utilização poder ser executada como veículo da valorização dos diferentes tipos de variações

linguísticas, dando prioridade aos aspectos culturais, funcionais e sociais, a fim de auxiliar o trabalho do professor na busca da monitoração linguística.

Sendo assim, podemos concluir que é através desta ferramenta, que o professor faz a diferenciação das variações da língua, entre o aceitável na situação e o não aceitável, apresentando que o contexto e a situação são determinados, muitas vezes, pela forma que devemos falar ou escrever.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística, In: BAGNO; GAGNE; STUBBS. In: **Língua materna:** letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. **Língua de Eulália:** uma novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2006

_____. **Não é errado falar assim:** em defesa do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Nada na língua é por acaso:** por uma Pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito Linguístico:** o que é, como se faz. Edições Loyola, São Paulo, 48ª e 49ª edição, 2007.

BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?:** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

GOLDENBERG. Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SIGNORINI. Inês. **Língua (gem) e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP, Mercado de letras, 2002.

ANEXO

ANEXO A – Questionário

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS-III
DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO
CURSO: PEDAGOGIA**

Aluna: Simone de Araujo Dutra

Prezado(a) Professor(a), sou aluna do curso de pedagogia, estou realizando este questionário, a fim de analisar ações e concepções acerca da variação linguística, para que assim eu possa dar início a minha monografia intitulada “VARIÇÃO LINGÜÍSTICA E ENSINO: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA NAS SERIE INICIAIS”. Desde já agradeço sua colaboração.

QUESTIONÁRIO

1. O que você entende por variação linguística?

2. Qual o papel do professor diante da diversidade linguística do aluno?

3. Você considera a linguagem padrão como a única correta e a única a ser ensinada na escola?

4. O que você entende por preconceito linguístico?

5. Qual a sua ideia acerca da linguagem não padrão (informal)?
